

Cartão Crédito Barclaycard, com linha de crédito até 6.000!

20° - 37° Lisboa 05 de Julho de 2010

ÍPSILON | GUIA DO LAZER | CINECARTAZ | INIMIGO PÚBLICO | PESO E MEDIDA |

Siga-nos em: [Facebook](#) | [Twitter](#) | [YouTube](#) | [E-mail](#) | [App](#) | [Pesquisa](#) | [ok](#)Praias fluviais
Cada vez têm mais adeptosNovo site do Inimigo!
Aconteceu e é verdade!Passatempo
Ganhe um convite duplos para a antestreia de "O Escritor Fantasma"

JORNAL DO DIA | PDF | VÍDEOS | MULTIMÉDIA | INFOGRAFIAS | BLOGUES | DOSSIERS |

| LOJA | ASSINATURAS | CONTACTOS | LEILÕES | INICIATIVAS | METEO

MUNDO | POLÍTICA | ECONOMIA | DESPORTO | SOCIEDADE | EDUCAÇÃO | CIÉNCIAS | ECOSFERA | CULTURA | LOCAL | MEDIA | TECNOLOGIA | MAIS

Exames nacionais 2010 | Biodiversidade | Logos Público | Continue o conto de Gonçalo M. Tavares | 20 anos/20 histórias | Comunidades online | Consultório de Justiça |

Segunda-Feira 05/07/2010

Voltar a [público.pt](#)[Aumentar](#)[Login / Registo](#)**CADERNO P1**

Destaque
Portugal
Mundo
Economia
Local Lisboa
Local Porto
Desporto
Espaço Público

CADERNO P2

Opinião
Temas

SUPLEMENTOS

Pública
Ípsilon
Fugas

Índice da Edição Impressa
Edições Anteriores
Edição em PDF

ÚLTIMOS 7 DIAS

Dia 04, domingo
 Dia 03, sábado
 Dia 02, sexta-feira
 Dia 01, quinta-feira
 Dia 30, quarta-feira
 Dia 29, terça-feira
 Dia 28, segunda-feira

PESQUISA[OK](#)**Caderno > Temas**

Votar | Resultados 0 Votos

Notícia 1 de 4

seguinte >

Entrevistas sobre o futuro

O Estado devia dar um subsídio à melhor ideia fracassada

Ideia absurda? Pedro Pita Barros acredita que só estas pequenas mudanças inesperadas podem verdadeiramente mudar o país. A receita é não pedir ao Estado que o mude por nós e conseguir pensar num tempo longo. *Por Teresa de Sousa (texto) e Enric Vives-Rubio (fotografia)*

[Partilhar](#) [Imprimir](#) [Comentar](#) [Enviar](#)

Pedro Pita Barros, de 43 anos, catedrático da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, não acredita em grandes mudanças pilotadas pelo Estado mas em muitas, pequenas, que podem, em conjunto, mudar as coisas. Acredita que existe uma nova geração de jovens que ganharam mundo através do Erasmus e podem vir a fazer a diferença. Vê-se a si próprio como membro de uma geração "entalada", que sucedeu àquela que veio a seguir ao 25 de Abril, para a qual a intervenção política não foi prioritária. A conversa começou inevitavelmente com o Projecto Farol, em que participou - uma iniciativa de um grupo de cidadãos relevantes, apoiados pela consultora Deloitte, para mudar o país nos próximos 10 anos.

O Projecto Farol, que diz ser uma visão para 2020, também parece um verdadeiro programa de Governo...

(Gargalhada) Não sei.

As grandes ideias que propõe são facilmente partilhadas por muita gente: educar para a globalização, capacidade empreendedora, reforço da iniciativa privada, coesão territorial, um Estado inteligente. O que é que isto tem de novo?

Pois. Talvez a parte que me atraí mais seja que não diz imediatamente que é o Estado que tem de fazer.

Mas também essa ideia de que é preciso reduzir o peso do Estado e animar a sociedade civil é algo que andamos a dizer há bastante tempo.

O problema é que toda a gente diz isso até ao momento em que tem alguma dificuldade. Aí, vai quase sempre a correr para a mão do Estado. Temos, de facto, essa retórica, mas ainda não temos essa prática. Do diagnóstico à acção há ainda um passo que não foi dado.

No Projecto Farol, começa por dizer-se, precisamente, que se trata de uma proposta para uma mudança de valores e de comportamentos, coisas que não se mudam nem por decreto nem rapidamente.

Valores e comportamentos demoram uma geração a mudar e não há como acelerar muito esse tipo de mudanças. Mas só o facto de termos a noção de que é preciso mudar e que temos de começar agora a fazer essa mudança, creio que já é importante. E creio que, neste momento, temos alguns catalisadores para fazer essa mudança que não teríamos há 20 anos atrás.

Quais?

Uma das mudanças mais importantes, e que pode ter impacte, resulta de 10 anos de experiência de intercâmbio a nível do ensino superior - o famoso programa Erasmus. Já toda a gente percebeu que os miúdos que vão estudar lá fora não vão ganhar em termos de estudo, mas vão ganhar em termos de uma cidadania europeia. E isso torna-se muito claro quando regressam. Nota-se que foram uma coisa e vêm outra. Que ganharam autonomia e que funcionar no espaço europeu já não lhes faz confusão. Perceberam que há outros hábitos e outras formas de trabalhar. Isso vai criar um choque de mudança. Quando essa geração chegar aos postos de decisão e aplicar alguma dessa vivência, alguma coisa pode começar a mudar. Basta que aqueles que já cá estão não se transformem num travão a essa mudança.

Diz-se muito que a educação está mal, que as coisas podiam estar melhor. Isso é verdade. Mas, se há uma coisa que se nota hoje em dia, é o entusiasmo por uma vivência global destes miúdos que não existia antes. Já não pensam só em português.

A sua geração cresceu, estudou e começou a trabalhar já em democracia, num quadro de muito maior abertura, diferente da geração que tinha entre os 20 e os

Nova Edição Impressa em HTMLEscreva a sua opinião para [feedback@publico.pt](#)

O seu Jornal do dia é lhe oferecido por:

**EDIÇÃO IMPRESSA**[+ LIDAS](#) [+ COMENTADAS](#) [+ ENVIADAS](#) [+ VOTADAS](#)**Temas** Os rios conquistam adeptos mas as alternativas ainda são poucas Praias fluviais**Temas** A doce tentação de Aveiro já tem selo de qualidade Ovos-moles**Destaque** O despedimento individual nalguns países**Destaque** Situação da rigidez laboral no mundo**Desporto** A Alemanha de Joachim Löw é um conto de Inverno**Destaque** Empresários não estão a usar facilidades da lei para despedir**Desporto** O sem-abrigo que dormia em caixas de cartão jogou contra Casillas**Desporto** Diz que é uma espécie de Mundial**Mundo** Greve de fome de Fariñas em ponto crítico**Desporto** A Europa recuperou o estatuto e a América eclipsou-se

PUB:

NOTÍCIAS EM DESTAQUE NO PUBLICO.PT**Economia** Ricardo Salgado alerta para OPA sobre a PT**Futebol Nacional** Benfica começa em casa, FC Porto e Sporting fora**Economia** Caução da Marsans não chega para indemnizar clientes**Economia** Governo mantém estratégia de contenção salarial em 2011**Local** MAI garante reforço da presença e visibilidade da polícia em Cascais

Tsa-mudanças, lda Grande Lisboa Porto
 Coimbra Algarve Leiria Aveiro, Todo o País e Europa [www.mudatudo.com](#) Mudanças
 Com Elevador Confira! Promoções Nas Zonas De Lisboa, Cascais, Sintra, Margem Sul [www.aliancamudanca.com](#) Empresas E Servicos Anuncia a sua Empresa/serviço aqui
 Tudo o que necessita/infor.util
[www.azores3000.com](#) Porto Mudanças
 Transporte Serviço especializado em mudanças Actuamos no Porto e arredores [www.transportesnovavida.com](#)

30 anos quando houve a revolução. Baixou os braços?

A minha geração é um pouco uma geração "entalada", com menor empenho de intervenção política, que se habituou a ver a geração acima muito activa na vida política. O 25 de Abril, de algum modo, limpou uma classe política. Veio outra que era muito nova nessa altura, que está lá há trinta anos e que lá continua. De certa forma, a minha geração nunca sentiu o apelo para fazer essa intervenção política.

Não há também a mentalidade que se criou nas últimas décadas de que a medida do sucesso era o dinheiro. Isso também não afastou os melhores da sua geração?

Pode ter um pouco a ver com isso, mas não sei se é toda a história. Se fosse, estávamos a ver nesta geração um conjunto pujante de empresários de sucesso e também não vemos isso, não vemos um conjunto de empresários de grande notoriedade como existiu na geração anterior. É uma geração que, não tendo ido pelo lado do serviço público, também não ganhou essa projecção na iniciativa privada. É por isso que digo que essa geração de 80 foi uma geração que ficou entalada. Os pais viveram o 25 de Abril, criaram em torno dele todo esse misticismo, e provavelmente nós nunca nos conseguimos desligar muito disso.

Quando falava em termos de egoísmo, vejo hoje nos miúdos que estão aqui, na universidade, uma muito maior generosidade, maior vontade de trabalhar para os outros, cá e lá fora. Isso é uma componente nova.

Como é que olha para a situação do país? Subscreve o discurso de que estamos à beira da catástrofe?

Não temos notícia de nenhum país que tenha desaparecido, mesmo a Islândia não desapareceu e está a recuperar. O que me causa mais perplexidade é estarmos a conseguir fazer um discurso que tenta disfarçar as dificuldades nacionais com a crise internacional. Continuamos a fingir que nada se passa connosco e isso é fugir ao problema e, portanto, não encontrar a solução. Temos o hábito de culpar sempre os outros pelo que nos acontece. Estamos a fazê-lo de novo com a crise internacional e fazemos pouco como sociedade para tentar perceber onde está o problema da economia e começar a resolvê-lo.

Nós tivemos um caminho muito fácil, que durou durante bastante tempo. Bastava dizer: há uns países mais avançados, nós estamos atrasados, o que nós queremos fazer é aproximar-nos deles.

Foi para isso que entrámos na Europa.

E isso criava-nos um alvo fácil. Era ver o que eles fizeram e tentar imitar. A partir de certa altura, já estávamos suficientemente próximos, apareceram outros que estavam muito mais atrás, e começámos a ter de jogar outro jogo: não o de imitar o que os avançados estavam a fazer mas o de começar a jogar no campo deles; sermos também nós a ter de inovar alguma coisa. E esse era o jogo difícil para o qual não estávamos preparados.

Não conseguimos passar essa fronteira e, agora, sentimo-nos confrontados com o regresso à posição de partida?

Não demos esse salto. Nos primeiros anos depois da adesão, ficámos todos contentes porque a produtividade estava a aumentar e a aproximar-se dos outros países. Mas depois começámos a perceber como é que estávamos a aumentar a produtividade: fazermos basicamente o mesmo, mas com menos trabalhadores. Isso é completamente diferente de manter as pessoas nos sectores onde estavam e aumentar o valor acrescentado. Tínhamos de fazer mais e diferente. Esgotámos essa forma de aumentar a produtividade e não demos o salto necessário para fazer a outra forma.

E agora temos um enquadramento europeu e internacional que torna as coisas ainda mais difíceis?

Dificulta, certamente. Mas, ao mesmo tempo, cria-nos uma janela de oportunidade, porque é normalmente nestas alturas de crise que as pessoas podem estar mais dispostas a arriscar mais na mudança porque têm menos a perder com ela. O problema é que acho que estamos já a perder essa oportunidade.

O que é que está a bloquear esse salto? Parece que nunca conseguimos dar aquele passo final que nos faria atravessar a fronteira. É um fatalismo?

É quase um fatalismo histórico. Tivemos muitas oportunidades, quatro ou cinco ao longo da História, de subir esse derradeiro degrau. Continuamos a perguntar: porque é que o Governo não mudou, mas nunca perguntamos porque é que não conseguimos fazer essa mudança ocorrer. Uma sociedade é um somatório de muitas pessoas. Cada um de nós é muito pequenino, mas se todos fizermos uma coisa pequena, o efeito pode ser grande. Nós não pensamos muito nesses termos. Quantos de nós chegam ao fim do dia e se perguntam: o que é que eu fiz hoje que ajudou a melhorar o funcionamento do país? Provavelmente nem nos passa pela cabeça fazer esse tipo de pergunta e isso talvez possa fazer toda a diferença.

É de novo a questão dos comportamentos?

Nós perguntamos: porque é que o Estado não mudou por nós?

Mas há ainda outro lado da nossa cultura que afecta muito a economia. De cada vez que entramos numa relação comercial de qualquer natureza, a nossa perspectiva mais frequente é: desta relação, como é que consigo tirar o máximo para mim? E nunca se pensa: como é que se faz para os dois ganharem? Penso sempre na minha metade do bolo e não como é que posso fazer crescer o bolo dos dois. E isso é um travão mental terrível.

Que justifica como? Com 50 anos de ditadura?

Acho que é mais com 800 anos de História. Os 50 anos não chegam. Essa mentalidade pequenina também fez desaparecer o ouro do Brasil ou a pimenta da Índia. Não estou a menosprezar o peso dos 50 anos, mas havia coisas que vinham de trás. É por isso que acho que o arejamento internacional do país pode ser fundamental. Os jovens podem libertar-se desse peso.

São as elites que fazem fraca a forte gente? São fechadas?

Eu não gosto da designação de elites. Não sei se temos verdadeiramente elites nesse sentido de pessoas que pensem o país. Acho que temos elites no sentido de um conjunto de pessoas que se habituou a funcionar muito em circuito fechado e que se vai eternizando em diversas gerações nos mesmos cargos e com os mesmos padrões. Parece-me mais isso, porque a ideia de elite tem também uma conotação de excelência.

Mas hoje temos já uma grande quantidade de gente formada nas universidades que deveria corresponder a essa ideia de elite.

Em relação às universidades, ao conhecimento que poderiam gerar e à forma como poderiam interagir com a sociedade, parece-me claro que as nossas universidades estão sempre mais tentadas a olhar para dentro, para o seu próprio umbigo, um pouco por atavismo e por incapacidade de lidar com a crítica e com os argumentos contrários. Os académicos têm a tentação de não gostar de ser criticados. E qual é a melhor forma de não ser criticado? Não se expor.

Falando do que conheço melhor, as faculdades de Economia estão agora a apostar num campeonato internacional, contratando professores qualquer que seja a sua origem, tendo alunos estrangeiros nos seus cursos e isso faz com que a ideia de intervenção na sociedade portuguesa perca ela própria alguma força. Se o nosso campeonato é o das universidades europeias, então...

Acha que essa internacionalização é negativa?

Não. Mas despender energia para intervir na sociedade portuguesa passa a ser menos importante do que conseguir fazer o trabalho técnico necessário para manter a projecção lá fora e fazer as duas coisas pode não ser compatível. As gerações mais novas têm primeiro um caminho de afirmação internacional antes de voltarem para dentro.

Mas podemos tentar descobrir, e penso que ainda não o fazemos bem, como aproveitar esse trabalho e fazê-lo passar para a sociedade.

A ideia de que as universidades são uns sítios de elites onde se pode ir buscar salvadores do que quer que seja é completamente errada. Estas coisas têm de ser construídas todos os dias.

Há, de facto, um grande afastamento entre a academia e o debate público. Se for ao Reino Unido, aos EUA ou até mesmo ao Brasil, vê os académicos a saberem intervir no debate público com uma enorme simplicidade e precisão.

E isso tem de se treinar. É o passo que as universidades ainda não deram. Mas o que vemos nesses países é que essas pessoas passam pelos *think-tanks*, que muitas vezes não são mais do que sítios onde alguém coloca à disposição recursos e depois não interfere na sua utilização. Em Portugal, temos grande dificuldade em aceitar esse modelo...

Não temos esse modelo.

Temos agora a fundação de António Barreto. Vamos ver se consegue fazer diferente. Mas é a única.

O que está a dizer é que os *think-tanks* têm esse papel crucial de canalizar o saber académico para a utilização social e política?

Porque passa a fazer parte da sua missão fazer essa transmissão. Se me disserem que eu vou estar durante o próximo ano neste centro de investigação, que me dão 60 mil dólares e que a minha missão é produzir uma reflexão sobre este ou aquele tema que deverei divulgar publicamente, sabendo de antemão que a vou ter de discutir nos *media*, eu preparam-me para isso.

Esses *think-tanks*, na maioria financiados por empresas, existem precisamente para pensar as políticas públicas e fornecer pensamento aos actores sociais e políticos. Aqui, essa prática de um trabalho continuado não existe. Por exemplo, o Projecto Farol não é isto: é uma espécie de "iluminação" que emana de um conjunto de pessoas e empresas, e que visa logo um projecto nacional. Não lhe parece que isto é precisamente o aposto da ideia de *think-tank*?

É um problema até mais profundo do que isso. Esse tipo de *think-tanks* que mencionou teria outro papel muito importante: exigiria de toda a intervenção pública uma maior sustentabilidade técnica. Se as decisões políticas estivessem sob escrutínio haveria mais prudência e mais pudor. Eles funcionam muito como dissuasores do disparate.

Mas, como disse, a natureza de um *think-tank* é de tempo longo. Não é razoável pensar que se cria um *think-tank* em Agosto e que, em Dezembro, já resolva os problemas do país. E nós temos, de facto, essa ansiedade de esperar que as coisas dêem frutos imediatamente.

Isso também tem a ver com a falta de recursos disponíveis para esse trabalho em tempo longo, como referiu?

Nos países que mencionou, essas instituições são sustentadas pela sociedade civil mas de uma forma diversificada. Nunca têm uma só fonte de financiamento, têm sempre várias, que é para não ficarem reféns de uma só. E isso é muito importante.

Não tenho a certeza que nós tenhamos uma classe dirigente empresarial que não vá querer sempre controlar qual é o resultado desses *think-tanks*. O único que me parece diferente é o de Barreto, porque foi assumido publicamente que os financiadores não queriam ter qualquer intervenção e António Barreto é suficientemente independente e tem prestígio suficiente para dar garantias de que assim é.

Já disse que há uma nova geração que tem outro espírito e outra cabeça. O problema é que essa geração corre o risco de se transformar numa geração de precários.

É um desperdício grande. O que estamos a fazer é empurrá-los para fora. Os melhores já estão a ir. A precariedade a que se refere não é independente das leis do trabalho que temos. É a fuga à rigidez. As pessoas que defendem a rigidez da lei actual parece que não percebem que o que estão a fazer é a criar essa precariedade.

Não estamos a alienar o futuro quando apenas lhes oferecemos precariedade?

De um certo ponto de vista, a resposta lógica seria que teríamos de mudar o enquadramento do mercado laboral, um diagnóstico que está feito há não sei quanto tempo. A questão não é onde queremos chegar mas como construímos o caminho para lá chegar. O Projecto Farol tem aqui algumas ideias interessantes. Tenta usar esta ideia de novo contrato social para as pessoas se irem habituando à ideia de que esta mudança se pode fazer como parte de um projecto estratégico nacional, embora eu não goste muito deste tipo de expressões. Mas não é uma pessoa que vai fazer isto sozinha. Ou a sociedade sente que este é um problema de todos, que temos de começar a mudar, que vamos ter benefícios mas também custos - e que os custos têm de ser acautelados, mas que no final todos poderemos ficar melhor -, ou então ficamos conformados com a ideia de que a próxima geração vai viver pior do que a dos pais em todos os sentidos - não apenas em termos materiais mas de precariedade, de incerteza.

Temos uma crise nacional, mas há também uma crise europeia, que é uma crise do projecto a que aderimos há 25 anos, convencidos de que nos garantia a segurança e o desenvolvimento para o futuro. Isto pode ter um efeito na forma como encaramos a nossa própria crise? As mudanças vão-nos ser impostas brutalmente de fora?

Nós, tradicionalmente, temos tido mais facilidade em acomodarmo-nos a imposições externas do que a sermos nós próprios a adoptá-las. Também entramos na Europa muito com a perspectiva da mão estendida: dêem para cá o dinheiro, que nós logo sabemos o que vamos fazer...

Mas já mudámos essa perspectiva. A Europa já é hoje a nossa segunda pele.

Felizmente. A Europa é a nossa segunda pele. Mas a Europa, enquanto entidade económica, tem alguns desafios a que tem de responder. O primeiro deles é que os mecanismos que se criaram com o Programa de Estabilidade e Crescimento (PEC), que impunham uma certa disciplina, foram quebrados inicialmente pelos próprios Estados maiores.

A Alemanha e a França.

Foram eles que destruíram em grande medida a credibilidade desses mecanismos a que os ditos indisciplinados tinham de obedecer, e nós aproveitámos. Se alguma coisa a situação da Europa nos diz sobre nós próprios é que devemos querer ter as nossas mãos bem amarradas porque, de cada vez que nos dão um bocadinho de folga, nós disparatamos logo. Essa é uma lição que podemos tirar: que esses mecanismos de compromisso não são necessariamente maus.

Qual é o problema principal que temos na integração europeia? Temos zonas europeias com níveis diferentes de desenvolvimento e com diferentes capacidades de reacção aos choques. Mas, por outro lado, temos governos autónomos que querem evitar que os outros se aproveitem deles. Também é verdade que não podemos aceitar disparidades muito fortes dentro da União. Isto significa que vão ter de ser criados alguns mecanismos de compensação entre países, que permitam minorar os custos de ajustamento aos choques e que esses mecanismos vão provavelmente implicar alguma perda de soberania dos Estados. Vai ser preciso alguma imaginação a nível europeu e resta saber se se consegue, dentro do esquema político que existe, dar lugar a essa imaginação.

Ouvi já ideias que me parecem merecer alguma reflexão. Por exemplo, que deveria haver um fundo de desemprego a nível europeu de tal forma que, quando o desemprego num determinado país passasse um determinado limiar, haveria uma compensação dos outros.

E nós precisamos que as coisas continuem a correr bem na Europa?

Claramente. Nós dependemos brutalmente da Europa. Quando se fala agora em que estamos a exportar mais para outros países fora do espaço europeu e que há de novo muitos portugueses a ir para Angola, isso é verdade, mas é pouco significativo. O espaço europeu continua a ser o nosso espaço por excelência.

Curiosamente, com esta crise, regressou a ideia de que temos de ir buscar lá fora a força que nos falta na Europa. Volta a falar-se de África, do Brasil, do Atlântico. É uma ilusão? A nossa eterna ilusão?

Honestamente, acho que é uma ilusão. Primeiro, há uma distância física e isso faz imensa diferença, sobretudo quando se colocam questões de mobilidade. O nosso futuro não se joga apenas em conseguir exportar bens e serviços, mas também numa cultura comum de um espaço comum. E a nossa cultura comum é com a Europa. Por outro lado, se olharmos para os países de língua portuguesa - e aqui os parceiros interessantes são Angola e o Brasil -, verificamos que vão querer ter a sua afirmação própria e essa afirmação nunca será feita em parceria com um país europeu.

O Brasil já está a tê-la.

Enquanto nós podemos ter uma relação muito olhos nos olhos e de igual para igual com os outros países europeus, com esses países as coisas não são assim, até porque vai demorar algum tempo até nos conseguirmos libertar de certos aspectos históricos. E o Brasil será sempre um colosso.

Um colosso que fala a nossa língua e ao qual nos ligam laços estreitos que facilitam a comunicação.

Mas o colosso vai querer falar com quem na Europa? Com a Alemanha. É-nos mais interessante estarmos com a Alemanha e com a França a falar com o colosso ou o contrário? Do ponto de vista económico, faz muito mais sentido estarmos com a Europa a falar com o colosso.

É a tentação de facilidade que nos conduz de novo a este discurso?

Pode ser um bocadinho. Eu lembro-me que, há cinco ou 10 anos, a grande miragem era a abertura que a China ia ter. E isso passou. A China é enorme, é complicada e não é um espaço natural para muitas empresas, embora algumas estejam lá. Só que não foi o eldorado. É uma ilusão pensarmos que o Atlântico vai ser a nossa salvação em cinco anos. O nosso mal é que nunca pensamos em tempo longo. É isso que nos falta.

Regressemos à economia. O país enfrenta um problema sério de competitividade...

Enfrenta um problema de produtividade.

Que se resolve no médio prazo enquanto temos um problema de competitividade já para amanhã. Temos de começar a vender mais lá fora. Como é que desfazemos este nó no curto prazo?

Em primeiro lugar, o Estado tem de deixar de dar os sinais errados sobre para onde se deve dirigir a actividade económica. Fala-se muito de investimento público na perspectiva do financiamento mas temos de pensar também no que é que ele cria. Quando construímos auto-estradas, as pessoas que vão estar a construir-las não vão estar a fazer outras coisas. E quando alguns dos nossos grupos económicos se voltam para a área da construção, em vez de áreas produtivas viradas para as exportações, estamos a virar a nossa estrutura produtiva para um alvo que está a perder competitividade a prazo.

Também há outra questão que eu não sei porque é que tem sido tão negligenciada. Nós sabemos que as empresas nascem e morrem e que isso é um processo natural. Portanto, devíamos criar as condições que permitissem que, quando uma empresa fosse à falência, os seus activos produtivos fossem reutilizados em vez de ficarem a apodrecer. Sabemos que um número muito grande de empresas fecha ao fim de quatro anos. Isso significa que os equipamentos que adquiriram ainda estão em boas condições. Mas se temos um processo de falência que leva de 10 anos, ao fim desse tempo, esses activos já estão enferrujados, obsoletos, desactualizados. O valor que o investimento ainda tem ao fim de dois ou três anos é praticamente deitado fora.

Mas isso resolve o nosso problema de competitividade?

Pode ajudar a resolver. Se nós soubéssemos exactamente quais são aqueles produtos em que vamos ser competitivos já tínhamos resolvido a questão. Como não sabemos, isto tem de ser muito na base da tentativa e erro. Alguém tem uma ideia, experimenta-se, se resultar vingou, se não vai experimentar outra.

Está a descrever o sistema americano...

Isso é um sistema de inovação. A inovação baseia-se na tentativa e erro. Quer no sentido tecnológico, quer no sentido das preferências das pessoas - o que querem ou não querem.

Como, se calhar, também ajudaria que o Estado, em vez de dar subsídios às empresas, criasse um subsídio à melhor ideia fracassada do ano anterior. Fracassou? Dá ao mesmo empresário que fracassou o dinheiro para ele tentar outra coisa...

O que está a dizer não é apenas uma provocação, é uma revolução... Está a propor-nos uma forma de funcionamento própria de países como os EUA, onde o fracasso não é visto da mesma maneira pela sociedade...

Mas porque é que não podemos começar a mudar isso? Premiar o melhor dos que falharam. Só isso criava a ideia de que arriscar não é assim tão mau. Se eu falhar, ainda posso ter uma oportunidade de fazer outra coisa. Se nós conseguirmos fazer esta ou outras pequenas mudanças, conseguimos ser mais competitivos.

Como é que é possível criar uma sociedade mais flexível na forma como produz e inova com o sistema de justiça que temos?

(Gargalhada)

Como sabe, é a primeira razão invocada por muitos investidores externos para não investir aqui.

Esse é provavelmente o sector onde é mais urgente mudar quase tudo. O ideal seria fechar e abrir de novo.

Um bocadinho difícil.

Por isso, há que pensar quais são os mecanismos que podem melhorar as coisas. Não sei exactamente o que está no centro desta nossa dificuldade, não sei se são os princípios legais que criam essa situação ou se são as pessoas que aplicam esses princípios ou outra coisa qualquer. Não tenho conhecimento suficiente. Mas também é verdade que temos visto muitas medidas avulsas mas ainda não ouvimos dizer:

vamos tomar esta medida que tem como objectivo melhorar este aspecto e, ao fim de um ano, vamos monitorizar o resultado a ver se melhorou e tirar as conclusões. É provável que a nossa classe do Direito seja uma das classes mais fechadas sobre si mesmas. Não sei exactamente como é que se consegue comprar para uma mudança um número de pessoas suficientemente grande para que ela se possa fazer.

Toda a gente reconhece hoje que a I&D melhorou substancialmente nos últimos anos. Você fala de uma nova geração de jovens que andou pela Europa e que pode significar uma mudança importante. São duas coisas fundamentais se queremos olhar para o futuro com algum ânimo?

Significam apenas que alguns dos recursos necessários para dar esse salto já lá estão. Só que têm-los não é suficiente. Temos de fazer o resto do caminho.

Que é...

Estas coisas de que temos estado a falar. Como é que mudamos a nossa mentalidade. A forma como interagimos com o Estado.

[Corrigir](#) [Provedor do Leitor](#) [Feedback](#) [Estatísticas](#) [Partilhar esta notícia](#)

[Blogue sobre este artigo](#)



Se comentar este artigo no seu blogue, o link aparecerá aqui.

[Efetue o ping do seu blogue no Twingly para nós o encontrarmos.](#)

Comentários 0 a 0 de 0

[Escrever Comentário](#)

Comentários 0 a 0 de 0

[Escrever Comentário](#)

Login

[Nome de Utilizador](#)

[Entrar](#)

[Registo / Recuperar](#)

[Login Twitter](#)

[Login Facebook](#)

Comentar

[critérios para publicação de comentários dos leitores](#)

Título

Restam 1200 caracteres

Texto

Nome

Email

Localidade, País

Anónimo

[ENVIAR](#)

Os comentários deste site são publicados sem edição prévia, pelo que pedimos que respeite os nossos Critérios de Publicação. O seu IP não será divulgado, mas ficará registado na nossa base de dados.

Quaisquer comentários inadequados deverão ser reportados utilizando o botão "Denunciar este comentário" próximo da cada um. Por favor, não submeta o seu comentário mais de uma vez.

© 2010 PÚBLICO Comunicação Social SA - Directora: Bárbara Reis - Coordenador editorial do Público.pt: Sérgio B. Gomes - Editor de comunidades: Alexandre Martins
Coordenador-geral: Pedro Ferreira - Webmaster: Paulo Almeida - Publicidade - Webdesign - Provedor dos Leitores

